

## APRESENTAÇÃO

Não se tem no Brasil uma grande tradição na publicação de textos sobre paisagismo e toda a produção, tanto conceitual como projetual do paisagismo brasileiro permanece praticamente ignorada do público em geral.

No desenvolvimento da pesquisa “Quadro do paisagismo no Brasil” durante os anos de 1994 e 1995 tenho, juntamente com a equipe envolvida, descoberto um trabalho paisagístico de vulto, espalhado pelos mais diversos pontos do país. Chama a atenção a produção intensa de parques e praças em Goiânia, Porto Alegre e Campo Grande, as praças tradicionais de Belém e Campinas, o calçadão de Santos e centenas de outros exemplos.

Paralelamente, dentro do âmbito da propriedade privada, jardins, pátios e parques da mais alta qualidade projetual, tem sido criados e construídos e um grande número de profissionais vem desenvolvendo projetos por todo o país, todos praticamente ainda não divulgados.

Mesmo nomes como Glaziou (Rio de Janeiro - século 19) ou Dieberguer (São Paulo - início do século) permanecem praticamente desconhecidos e tudo da história do paisagismo brasileiro está para se fazer e principalmente publicar.

Apesar das limitações existentes, o interesse pelo paisagismo no Brasil tem aumentado e no primeiro Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil, mais de uma centena de profissionais e estudantes discutiram os rumos do ensino e da pesquisa do paisagismo no país, com resultados altamente positivos para todos. Nesta oportunidade relançamos as edições dos números 01 e 02 (em volume especial) e o número 03 e lançamos a *Revista Paisagem e Ambiente* de número 05 com amplo sucesso.

A partir deste número a revista já devidamente indexada pelo CNPq/IBICT - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e pelo programa de apoio às publicações científicas periódicas da USP, assume formalmente seu papel de revista científica, apresentando na contracapa a constituição do seu conselho editorial e a sua estruturação gráfica de acordo com os padrões exigidos pelo SIBI-USP para uma revista de tal naipe.

A direção desta revista reitera aqui, o convite aos colegas professores, arquitetos paisagistas e pesquisadores para colaborarem com artigos e projetos que com os já publicados neste em números anteriores construirão parte do arcabouço teórico do paisagismo brasileiro.

Neste número, mantemos as seções Projeto e Plantação, Fundamentos, História e Paisagem e Paisagem Urbana, sendo que o item Estudos Ambientais estará de novo incluído no próximo número.

Apresentamos na seção Projeto e Plantação o projeto dos arquitetos - professores Paulo Renato Mesquita Pellegrino e Vladimir Bartalini - para os jardins do Museu de Arte Contemporânea da USP, construídos dentro de novos padrões conceituais e estéticos.

A seção Fundamentos contem dois textos, um deles de autoria de Silvio Soares Macedo, básico para o estudo do paisagismo e que discorre sobre o conceito espaços livres de edificação introduzido por Miranda M. Magnoli. A partir dele o autor questiona conceitos como os de espaços e áreas verdes. O outro da autoria de João Martins de Oliveira e Maria Fernanda Derntl explora os significados do espaço público urbano, utilizando para tanto a cidade de São Paulo como seu referencial base de estudo.

O item História e Paisagem traz uma discussão de Vladimir Bartalini sobre as políticas públicas de áreas verdes na cidade de São Paulo e os parques públicos gerados então, tendo como limite o ano de 1950.

A última parte Paisagem Urbana, está dividida entre três autores, o primeiro Vicente del Rio, um dos teóricos do desenho urbano no Brasil, que discorre sobre as diferentes formas de percepção do cotidiano e de suas paisagens. O segundo o arquiteto paisagista Angelo Serpa caminha pela mesma seara do primeiro autor, colocando suas experiências em pesquisa no Brasil e na Áustria. Finaliza-se com um trabalho importante de Décio Rigatti, arquiteto e professor da UFRGS, que apresenta e questiona as formas de apropriação do espaço público pelos moradores de duas áreas habitacionais na grande São Paulo - um bairro de classe média - e em um conjunto habitacional COHAB.

Dr. Silvio Soares Macedo